

Os amigos da arte moderna

expõem os seus trabalhos na rua Ivens

16.

Ha dez anos este «salon» revolucionario, com pinturas verdadeiras e outras que são meros esquemas intellectuais, por vezes, demasiadamente abstractos—faria sensação em Lisboa. A rua Ivens seria sitiada, como se nela houvesse uma autentica e coruscante feira de fenomenos.

Hoje, o caso é totalmente diferente.

O visitante se nem sempre encontra o expositor no seu lugar, admira-o sinceramente procurando compreende-lo. Este esforço de penetração critica, de mimetismo estetico, numa palavra, de adaptação ao «clima da sala», corresponde ao avanço que os «modernistas» plasticos têm feito na sensibilidade, e até na simpatia credula do escasso publico visitante de certames artisticos.

Nenhum «ismo» deomina esta exposição. O grupo que se apresenta, possivelmente chefiado pelos cabelos brancos de Almada Negreiros,—a melhor primavera de doutrinario de arte da nossa geração,—após ter prestado uma comovida homenagem aos seus precusores: na literatura, Mario de Sá Carneiro e Fernando Pessoa e na pintura: Amadeu de Sousa Cardoso e Santa Rita, escreve, modestamente, na primeira pagina do catalogo esta legenda—«Amigos da Arte Moderna».

O recinto, povoado de estatuas e colorido de telas, com geometrias no espaço e boas pinturas têm qualquer coisa de magica feérica. Os olhos meninos naquela fogueira de tintas, naquele contorsionado de formas, devem pasmar, mesmo deslumbrar-se talvez menos, pela novidade, do que pelas características «re varietur» das tendencias, que vêm de longe, conduzidas pelas sombras vigilantes dos mestres espirituais, que mortos, comandam ainda os vivos.

Claro que nesta exposição não ha disciplina —e é essa, talvez, a sua melhor virtude, cada um é o que é, por vezes, até duas e três vezes, encadeado apenas pela assinatura das obras. Dizemos ter comprehendido todos os trabalhos seria pedantice da nossa parte. Insufficiencia analitica? Antagonismo psicologico? Como queiram, mas não será esse precisamente o objectivo de alguns expositores, em determinadas obras, para assim surpreender as reacções do grande publico? Se assim é, alcançou-se o desígnio, o que não invalida a expansão decorativa, a mathematica de idéas, o contraste das cores, o especifico das figuras, e até o calor humano de certas obras que avultam neste certame. Quanto mais não seja, têm, pelo menos, uma expressão. Da sua desigualdade desprende-se um parentesco, e do desequilibrio voluntario da sua architectura, digamos assim, flui uma harmonia tão natural como espontanea.

E agora vejamos. Primeiro Sara Afonso, discipula de Columbano, que renegou, por completo, o grande mestre, com dois quadros que são maravilhosamente frescos, limpidos, infantis, ingenuos.

Ha nela um ritmo interior de romaria e uma sensibilidade de colegial a correr pela cerca da vida, de bibe branco, na sombra fugitiva duma borboleta. «Paisagem do Minho», tem a beleza singular dum «ex-voto». E' pintura e parece não ser, tecnicamente, pintada, de tal maneira a sua emoção se acusa, ou melhor, se transmite, directamente, sem processo. «Carrousel» é mais futurismo. Tem «maneira» intellectual.

O que Sara Afonso pretende, talvez, é criar entre o boneco e a figura humana, um estilo intermedio. Se é assim—está muito bem.

Almada Negreiros é o maior valor do grupo. Não se confina, nem vive, dobrado, sobre si mesmo. E' um formidavel prospector de assuntos. Tem uma linha geral em cada ano. A sua obra é sempre um singular sem plural. Por outras palavras, não se repete. Das suas três obras, «Sargaceira» é, possivelmente, a melhor. Trata-se duma figura de mulher, de planta admiravel, onde se acusam bem as características do povo do litoral. A cor é forte, cores de mar, que não são, apenas, azues e o desenho vigoroso, construido geometricamente, em volumes de poderoso relevo. Mais do que tudo—tem raça! E' português! Duplo retrato, não é um retrato de familia, mas as nupcias da arte e do amor, dum nobre valor plastico. No genero—é uma lição. Por ultimo, «Rapaz dormindo», desenho donde se desprende a emoção letargica do assunto. O corpo dorme.

Mario Eloy apresenta-se, com o que podemos chamar um «fresco», e ele chamou «O Homem».

A idéa tem uma sobria dureza. E' bem pensada, e a tecnica aceita-se.

Segue-se W. S. Haer, de Paris, com dois desenhos: «Fenix» e «Deliquescencia». Ainda é cedo para comprehendermos aquillo, mas lá chegaremos. Trata-se duma serie de risca labirinticos, com zonas negras por baixo. As legendas dizem tudo; os trabalhos, pouquissimo.

Julio dos Reis Pereira dá-nos um trabalho de viva e humana simpatia: «O Menino e a Ave». E' fresco, risonho, lirico. O traço negro, que contorna a forma, muito ao sabor da moderna pintura francesa, mesmo a tinta sem oleo, que resulta aspera, mas mais natural, destacam, lindamente, o pequeno modelo, que parece brincar, sorrir, viver para nós.

Antonio Pedro é o mais intellectual da falange. «A repressão», de Freud e o dimensionismo, de que é o inventor, situam-no num plano, talvez, diferente da materia plastica. Projecta e pinta idéas indo mesmo, audaciosamente, até ao «erotikon».

Arpad Szenes é difficil, mesmo muito difficil. Se as suas «pinturas» tivessem legenda talvez fosse possível descortinar as «decomposições», que apresenta.

Quanto a nós trata-se dum pintor, que executa fraturas de cores e de «imagens».

Geza Szobel, de Seine-France, tem uma paleta de scherzade. Azues voluptuosos, como no retrato interscionista de Antonio Pedro e na «Paisagem Submarina».

Arlindo Vicente apresenta uma serie admiravel de desenhos «Má Nova» é um grito dramático de beleza. O seu lapis dá «alma» aos modelos e, sendo exacto, tecnicamente forte, maravilha-nos pela delicadeza, pela finura, pela marca dum estilo, cuja sobriedade, sabe destacar as formas essenciais. Maria Helena Vieira da Silva Suznés alucina com os seus geometrismos. Ficámos nos titulos: «O Amarelo Grande», bizarra geometrica, e o «Amor», mais aceitavel, corte vertical de dois corações, assim o entendemos, com uma geografia sentimental, de vegetação intensa, em cada auriculo e ventriculo.

Por ultimo, o escultor Hein Semke, francamente germanico, talhando a materia, como os escultores arcaicos, o faziam—com rudeza, deixando planos foscos e linhas rigiditas, por vezes, espiritualizadas por uma certa intenção diabolica, patetica, barbaresca. No fundo é um asceta, cujo primitivismo consciente, possui mais sonho do que beleza. E isto, vamos, já é muito.

ARTUR PORTELA